



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

Autorizada pelo Decreto Federal nº 77.496 de 27/04/76

Recredenciamento pelo Decreto nº 17.228 de 25/11/2016

PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E POS-GRADUAÇÃO

COORDENAÇÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA



XXIX SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UEFS SEMANA NACIONAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA - 2025

**“A atuação feminina na sociedade oitocentista: mulheres, homens e a imprensa
como espaço de práticas discursivas feministas. “**

Michael Antonio Silva dos Santos¹; Andrea da Rocha Rodrigues Pereira Barbosa²

1. Michael Antonio Silva dos Santos, PIBIC/CNPq, HISTORIA, e-mail: michaeluefs2022@gmail.com

2. Andrea da Rocha Rodrigues Pereira Barbosa, DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA,
e-mail: arrpbarbosa@uefs.br

PALAVRAS-CHAVE: uma; duas; três

INTRODUÇÃO

Este trabalho propõe investigar a atuação feminina na sociedade oitocentista, compreendendo como ideias feministas circularam em meio às transformações sociais e políticas do Brasil no século XIX. Nesse processo, a imprensa desempenhou papel estratégico na difusão de discursos sobre a educação e emancipação feminina. Nascimento e Oliveira (2007) demonstram que, além do reconhecimento e do respeito em âmbito familiar, *O Sexo Feminino* (1873- 1889) defendia o desenvolvimento integral das potencialidades da mulher, dentro e fora de casa, bem como a aquisição de direitos que lhe possibilitassem maior participação nas questões de campo social e garantia de direitos na esfera política (Nascimento; Oliveira, 2007, p. 434).

A relevância deste estudo justifica-se pela necessidade de compreender como se deu a construção de práticas discursivas feministas em um período em que os jornais se tornaram instrumentos estratégicos de circulação de ideias. Conforme observam Alves e Pitanguy (1985), as relações de poder atravessam todas as esferas da vida social, alcançando tanto a esfera pública quanto às interações interpessoais, o que reforça a importância de analisar como tais relações se manifestaram na imprensa. Além disso, é fundamental considerar como gênero, raça e classe influenciaram a produção e circulação dos discursos feministas, evidenciando que determinadas mulheres — especialmente brancas e pertencentes à elite letrada — tiveram maior acesso à imprensa e puderam difundir seus ideais.

O objetivo deste trabalho é analisar como mulheres e homens estruturaram a atuação feminina na sociedade oitocentista e utilizaram os jornais como instrumentos de propagação de práticas discursivas feministas. Para tanto, serão examinados periódicos de naturezas distintas, como *O Sexo Feminino* (1873–1889), *O Espelho Diamantino* (1827–1828) e o *Jornal do Brasil* (fundado em 1891), de modo a contrastar diferentes representações e disputas em torno do papel da mulher.

MATERIAL E MÉTODOS OU METODOLOGIA (ou equivalente)

Embora a proposta inicial tivesse como objetivo reconstituir a trajetória da luta feminista, destacando seus avanços e desafios, o contato direto com as fontes revelou a necessidade de redefinir o enfoque. A análise dos periódicos oitocentistas mostrou-se mais produtiva para compreender como diferentes discursos — feministas e conservadores — disputavam sentidos sobre o papel da mulher na sociedade. Dessa forma, a alteração de perspectiva não representou um afastamento do tema, mas um aprofundamento metodológico, que permitiu observar a luta feminista a partir da imprensa, espaço estratégico de circulação de ideias e práticas discursivas no século XIX.

RESULTADOS E/OU DISCUSSÃO (ou Análise e discussão dos resultados)

O exame comparativo de periódicos de perfis distintos — progressistas, como *O Sexo Feminino* (1873–1889), e conservadores, como o *Jornal do Brasil* (a partir de 1891) e *O Espelho Diamantino* (1827–1828) — revelou não apenas tensões, mas também pontos de convergência na forma como a presença feminina era narrada.

Os resultados indicam que os jornais de orientação feminista, produzidos por mulheres brancas letradas da elite, buscavam legitimar a instrução e a participação social feminina, articulando o discurso da emancipação com referências ao patriotismo e à moralidade. No caso de *O Sexo Feminino*, observou-se a estratégia de associar a independência política do Brasil à ideia de “independência da mulher”, conferindo ao periódico um caráter mobilizador e pedagógico voltado para a educação feminina.

Por outro lado, periódicos de caráter conservador, como o *Jornal do Brasil*, apresentaram um discurso ambíguo. Em alguns momentos, reconheciam os avanços femininos em outros países, mas frequentemente descreviam-nos como “excentricidades” ou “novidades”, reforçando uma visão paternalista que relativizava a legitimidade da participação política e profissional das mulheres. Esse tom revela a persistência de barreiras simbólicas, mesmo diante da crescente visibilidade das demandas feministas.

Já *O Espelho Diamantino*, ainda no início do século XIX, ofereceu uma visão intermediária. Embora se dirigisse às mulheres e reconhecesse suas capacidades intelectuais, mantinha-se atrelado à moralidade conservadora, reafirmando limites quanto ao espaço social feminino. Tal posicionamento revela como a imprensa, ainda que se mostrasse aberta ao debate, reproduzia hierarquias de gênero próprias do contexto oitocentista.

A discussão dos resultados permite concluir que, no período analisado, a imprensa funcionou como um campo de disputa simbólica no qual se confrontaram projetos distintos para o lugar da mulher na sociedade. Enquanto os periódicos feministas buscavam romper com a marginalização, ampliando as possibilidades de atuação das mulheres, os jornais conservadores reafirmavam papéis tradicionais, mesmo quando reconheciam avanços. Essa tensão demonstra que a luta feminista, longe de se restringir ao espaço político institucional, encontrou na imprensa um instrumento estratégico de visibilidade e resistência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS (ou Conclusão)

A análise das fontes evidencia que a imprensa oitocentista funcionou como um espaço de disputa simbólica no qual diferentes projetos de sociedade se confrontaram. Os periódicos dirigidos por mulheres, como *O Sexo Feminino*, assumiram papel estratégico ao associar patriotismo, educação e emancipação, ampliando a visibilidade feminina e tensionando a ordem patriarcal. Já jornais como *O Espelho Diamantino* e o *Jornal do Brasil* revelam a ambiguidade do período, oscilando entre discursos de aparente abertura e práticas paternalistas ou conservadoras que limitavam o alcance da emancipação proposta.

Nesse sentido, o recurso à interseccionalidade permite perceber que tais experiências eram atravessadas por recortes de classe e raça, uma vez que a maioria das vozes feministas advinha de uma elite letrada e branca, deixando de fora mulheres negras e populares. A articulação com o conceito de poder simbólico, de Bourdieu, reforça que essas desigualdades foram naturalizadas e legitimadas por estruturas culturais e discursivas, enquanto as práticas feministas buscavam denunciá-las e transformá-las. Portanto, mais do que uma mera reivindicação de direitos, as práticas discursivas feministas do século XIX revelam-se como um campo dinâmico de crítica e ressignificação das relações de gênero, antecipando debates contemporâneos e evidenciando a centralidade da imprensa na construção de novos horizontes de cidadania para as mulheres brasileiras.

REFERÊNCIAS

ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jacqueline. *O que é feminismo*. 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985. 77 p.

ALVAREZ, Sonia E. Para além da sociedade civil: reflexões sobre o campo feminista. *Cadernos Pagu*, n. 43, p. 13-56, 2014.

BIBLIOTECA NACIONAL. Espelho Diamantino e as senhoras brasileiras. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 2020. Disponível em: <https://antigo.bn.gov.br/acontece/noticias/2020/05/espelho-diamantino-senhoras-brasileiras>. Acesso em: 12 fev. 2025.

BIBLIOTECA NACIONAL. O Sexo Feminino (RJ) - 1873 a 1889. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, [20--]. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/sexo-feminino/706868>. Acesso em: 7 maio 2024.

BIBLIOTECA NACIONAL. Espelho. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, [20--]. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/acervo-digital/espelho/700312>. Acesso em: 11 fev. 2025.

BIBLIOTECA NACIONAL. O Espelho Diamantino. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1827. Disponível em: https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/700312/per700312_1827_00002.pdf. Acesso em: 12 fev. 2025.

BIBLIOTECA NACIONAL. Jornal do Brazil. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1892. Disponível em:

https://memoria.bn.gov.br/DOCREADER/DocReader.aspx?bib=030015_01&pesq=feminista&hf=www.google.com&pagfis=2447. Acesso em: 15 fev. 2025.

BIROLI, Flávia; MIGUEL, Luis Felipe. *Feminismo e política: uma introdução*. São Paulo: Boitempo, 2015.

BOURDIEU, Pierre. Capítulo 1: Sobre o poder simbólico. In: _____. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

NASCIMENTO, Cecília Vieira do; OLIVEIRA, Bernardo J. O Sexo Feminino em campanha pela emancipação da mulher. *Cadernos Pagu*, p. 429-457, 2007.

NEGRO, Antonio Luigi. Paternalismo, populismo e história social. [S.l.: s.n.], 2004.

NEMÉSIO, Vitorino. Progressismo e pessimismo. *Biblos* (Coimbra), v. 51, p. 35, 1975.

THOMPSON, E. P. Patrícios e plebeus. In: _____. *Costumes em comum*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 29 et seq.

DE SOUZA LIMA, Bruna Camilo et al. Patriarcado e teoria política feminista: possibilidades na ciência política. 2019.